



## **Associação e Comunidades Sateré-Mawé: AMISM, Sahu-ape, l'nhã-bé, Y'apyrehyt, Waikiru, Mawé e Waranã.**



Oficina de Mapas: comunidades Sateré-Mawé, em Manaus-AM, dia 11 de novembro de 2007, na Comunidade Y'apyrehyt Bairro Redenção, Manaus-AM. Ismael, Nilson, Tadeu, André, Lucimir, Elson Ney, Joãozinho, Eirijane, Ariá, Valda, Geane, Elenilce, Tereza, Inara, Susy, Marta, Sara, Iclas, Moisés, Eguiberto, Glademir.

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

Fascículo 23

Indígenas nas cidades de Manaus, Manaquiri e Iranduba: processo de territorialização dos Sateré-Mawé  
Manaus, agosto de 2008

ISBN: 978-85-7401-414-2

### **Coordenação do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia**

Alfredo Wagner  
Berno de Almeida  
PPGSCA-UFAM,  
FAPEAM-CNPQ

### **Coordenação da Oficina**

Moisés Ferreira de Souza  
João Ferreira de Souza  
Lucemir da Silva Freitas  
Marta Vieira Marialva

### **Equipe de Pesquisa**

Glademir Sales dos Santos (PPGSCA/UFAM)  
Claudina Azevedo Maximiano (PPGSCA/UFAM)  
Emmanuel de A. Farias Júnior (PPGSCA/UFAM)  
Nadja Christine de Castro Souza (PPGDA/UEA)  
Ana kátia Santana Cruz (PPGSCA/UFAM)

### **Filmagem e Fotografia**

Emanuel de A. Farias Júnior  
Nadja Christine de Castro Souza

### **Cartografia e mapas**

Luis Augusto Pereira Lima  
Tadeu Miquiles da Paz  
Laura Adriana Chamo

### **Projeto Gráfico**

José Fernandes F. Neto

Consoante os dados do Censo Demográfico de 2000 a categoria censitária indígenas foi a que apresentou a maior taxa de crescimento populacional, ou seja, 8% ao ano, duplicando sua participação no total da população brasileira de 1991 a 2000. Neste mesmo período a população total do Brasil cresceu a uma taxa de 1,6% ao ano.

Os dados censitários relativos à "população residente por cor ou raça", no município de Manaus, registram para o ano de 1991, 952 indígenas, enquanto que os dados do Censo Demográfico de 2000 registram 7.894 indígenas, ou seja, crescimento de 800% neste período.

Outro censo realizado pela pastoral indigenista de Manaus, em conjunto com o CIMI Regional Norte I, concluído em 1996, entrevistou 163 famílias, em 143 unidades residenciais, totalizando 835 indivíduos "com base nestes dados estima-se que haja em Manaus cerca de 8.500 indígenas". (cf. Pastoral Indígena – Arquidiocese de Manaus – "Entre a aldeia e a cidade", março de 1996, pág. 8).

Estimativas realizadas em 2008 no âmbito da FUNAI assinalam 25.000 indígenas em Manaus

Em dezembro de 2005, em reunião do Conselho da Cidade e lideranças dos movimentos sociais em Belém, foi apresentado o projeto "Nova Cartografia Social da Amazônia" e o resultado dos trabalhos de pesquisa com quebradeiras de coco babaçu e quilombolas. Das situações sociais identificadas resultou a mobilização dos presentes na reunião para o desenvolvimento do Projeto com grupos que vivem nas cidades. A partir desta reunião teve origem a Série "Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia". Esta série inicia com os indígenas, homossexuais, afro-religiosos e negras e negros de Belém, e tem continuidade com outros grupos em Belém e outras cidades da Amazônia como Manaus (AM), Macapá (AP), Marabá (PA), Salinópolis (PA) e Santarém (PA).



Tereza, matriarca das famílias. Chegou a Manaus no fim dos anos 60, do século passado. Depois de ter ajudado a organizar as comunidades das suas filhas, continuou na sua comunidade Mawé, que agregou, nos últimos anos, algumas netas casadas.

## 1. Árvore Sateré-Mawé: nossa raiz, origem e organização

“Vamos explicar agora todas as famílias que foram colocadas aqui. Elas tiveram uma raiz, que é dos Sateré-Mawé, que chamamos clãs. Juntou Mariquinha com Quirino, os clãs Me'yru e Sateré. Esse casal se juntou e teve os filhos: Clara, Tereza, Raimundo, que é o Dico, Iracema e o Nilson. Praticamente, dessa semente, quem está aqui somente é a Tereza, pois todos faleceram. Ela é a última semente desse tronco que convive no nosso meio. Ela se juntou com o Abdão, que é nosso avô, que deu a árvore genealógica das famílias. Daqui surgiram as filhas: Leilina, a Zebina, a Zelinda, Zeila, a Zenilda, Zilma, a Zórma e o filho Zaquel” (Moisés Ferreira de Sousa).

“Todos são filhos e netos de segunda e terceira gerações. Isso é importante porque, quando eu trabalhei, desde 1986, para o movimento indígena, eu sempre visava isso: resgatar, de ter mais famílias no futuro, para que elas pudessem se agarrar nos direitos, ter uma liberdade social para que elas possam morar onde pudessem. Particpei da Constituinte em 1986 e em 1988, quando nós ganhamos. A primeira história de conquista do movimento indígena foram os artigos 231 e 232, que asseguram uma saúde, uma educação diferenciada. Para assegurar tudo isso, fomos trabalhar as comunidades, criar associações, para que se juntem os netos, bisnetos, para que se fortaleça. Eu sempre visei que eles deveriam se organizar na cidade, pois o grande fortalecimento vem daqui. Se você vem de uma árvore tradicional, tem o fortalecimento para viver onde pode ter mais oportunidade de ficar. Então, a organização vem assim, cresce, dá seus frutos. É claro, tem dificuldades, mas tem conquistas. Então, essa comunidade, antes as pessoas vieram de vários locais e foram se repartindo, e cada um foi criando seus sítios, para o bem e fortalecimento do povo. Esse intercâmbio, essa interligação com o povo através do tronco tradicional é importante, porque todos sabem que no Andirá existe uma organização de povos aqui na cidade e que tem muita força, pode defender os direitos dos povos que estão aldeados, que são as comunidades, que não podem está aqui todo dia. Vocês fortalecem e levantam uma bandeira para nós, e nós ficamos vitoriosos com isso. Realmente, esse intercâmbio é importante. Com esse tronco tradicional vamos valorizar mais. Vocês viram que estamos de parabéns, porque todos tiveram dificuldades, mas todos se localizaram e estão organizados. Antes não tinha ninguém, e agora buscamos nossos aliados que são universitários, professores. Assim, temos mais segurança. Então, esse tronco se fortalece no movimento indígena no Brasil. A Coiab tem um potencial muito forte. Para isso devemos valorizar os encontros, as reuniões. Aí realmente, essa árvore tem como se apoiar quando os ventos estiverem soprando, porque o movimento está circulando. O CIMI deu total apoio para a criação do movimento indígena. A grande verdade é essa: ele é o fundador das associações no Brasil. É um trabalho de puxirum. Hoje, estamos com a Universidade Federal do Amazonas e com a Universidade Estadual do Amazonas. Então, eles também têm uma grande importância para que a árvore não caia, e fique viva para os filhos e netos. Assim os direitos são fortalecidos. Então, as conquistas vêm através da união, de argumentos, de idéias. Todos têm idéias diferentes, mas somando se tornam uma árvore forte. Mesmo sendo forte, o temporal não arranca, mas a árvore faz com que todos possam ver como ela está, com bons frutos, bom trabalho e com determinação” (João Ferreira de Souza).

## 2. Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé (Amism)

“No ano de 1993 fundaram a Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé (Amism). O tio João, na época estava na Coiab, falou que já existia uma Associação de Mulheres do Alto Rio Negro (Amarn). Essa associação queria que nós participássemos de uma assembléia. Então nós fomos para lá. A gente era pequena, e ouvíamos as dificuldades e por que elas fizeram aquela associação. Elas vieram também das aldeias para trabalhar nas casas de família e eram maltratadas. Na época, nossas tias e minha mãe passavam dificuldades, porque a maioria dos maridos trabalhava em firmas. As mulheres tinham que ficar aqui, trabalhando para não deixar os filhos morrerem de fome. As mulheres davam de tudo para colocar comida dentro de casa. Então, o incentivo foi criar uma associação de mulheres Sateré-Mawé. Hoje, a Amism tem quatorze anos. Eu conto porque na época na primeira reunião, eu fui dar à luz ao John, meu filho. Lembro-me que o John é da mesma época da fundação da Amism. Então começamos a montar esse trabalho para o artesanato. A tia [Zenilda] foi a primeira que pensava por que não resgatar a cultura, o artesanato que elas faziam na aldeia? Então se juntaram e fundaram a Amism. Aí muitas coisas aconteceram de bom, porque a Amism é conhecida internacionalmente. Através dessa associação surgiram as comunidades em Manaus e em seu redor” (Marta da Silva Marialva, 11/11/2007)

**A competência da guerreira Zenilda vai ficar em nossa história: nenhum momento deixou de reivindicar os anseios de seu povo.**



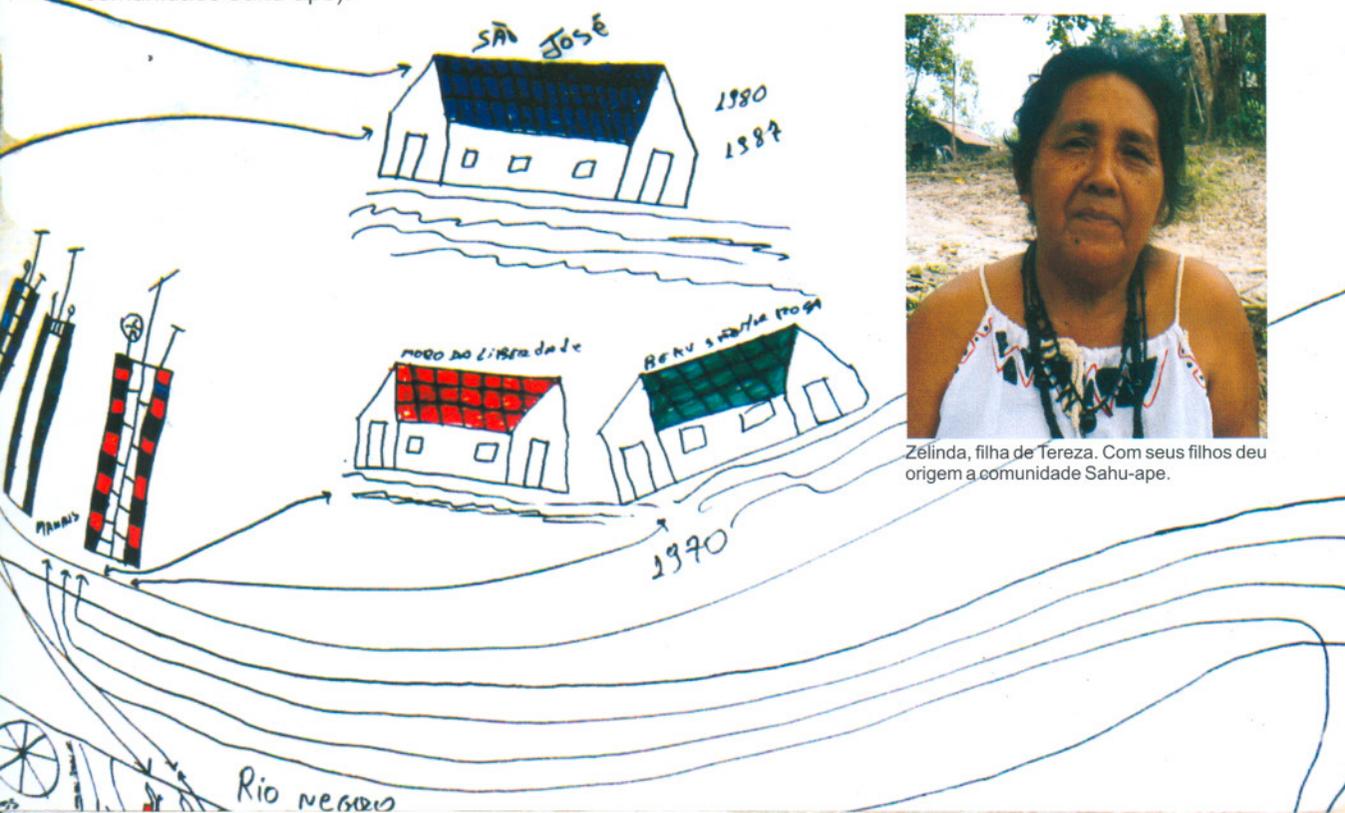
Filha de Tereza, Zenilda, uma das principais lideranças do movimento indigenista em Manaus. À esquerda, a AMISM e seus filhos registram em cartaz a sua importância no movimento

“Foi uma época em que estavam sendo formados os movimentos indígenas, estava formando a Coiab, Zenilda era a única mulher junto com a Celina no meio dos homens. Eles deram bastante ajuda, e foi criada a Amarn, a primeira associação. E falaram para a Zenilda: 'tu tens que formar uma associação Sateré-Mawé'. Aí surgiu a segunda associação, a Amism. Com o tempo, organização Sateré ficou a mais bem equipada e estruturada, com sua sede, computador, aparelho de fax, máquina de xérox. E começamos a trabalhar com artesanato. Minha mãe sempre trabalhou com a arte e a economia. Tudo começou com uma bolsa, ela falou: 'essa bolsa vai me fazer rodar o mundo, conhecer o mundo, dentro estão esses caroços'. A gente ria.” (Ageu da Silva Vilácio).

### 3. Comunidade Sahu-ape: “fomos descobrir como tirar de dentro de nós o índio”.

“Muita gente mais jovem e os que estão nascendo não sabem de onde viemos, como que é, qual a nossa história. Aqui parece simples, mas foram três dias para fazer, com datas, tudo, quando nós sentamos para fazer. Na Ponta Alegre, no Andirá, em 1969, a dona Baku saiu com treze anos para Manaus, trazida pelo antigo SPI (atual Funai). Foi para o Morro da Liberdade, no intuito de estudar e trabalhar, para ter uma vida melhor. Começou a trabalhar na casa de família. Passou um ano, ela voltou para o Andirá, em 1970, e casou com meu pai. Voltou e foi morar no bairro Alvorada. Então, lá com três filhos, começou a dificuldade: sem emprego, sem casa, sem moradia. Passaram-se alguns anos, foi morar no bairro de São José, que estava começando. Então, a minha mãe recebeu um terreno, e passamos a morar lá. Passaram-se também mais alguns anos, as dificuldades persistiram, porque não era o nosso lugar a cidade. Então, fomos para o bairro Redenção. Aqui passamos uns anos, então começou a melhorar um pouco. Começamos a entender e a descobrir outros caminhos. Minha mãe fala que o que temos na nossa comunidade é graças a dona Zenilda, que faleceu. Ela foi quem descobriu tudo. Ela primeiro descobriu o artesanato. Até hoje, relembrando um tempo atrás quando estávamos fazendo esse negócio, ela falou que foi ela que começou. Ela foi para o Manaquiri, de onde ela trouxe um saco de caroço de jauari. Ela cerrou e fez o anel, daí que descobrimos que podíamos fazer dinheiro com artesanato. Começamos a fabricar anel, colar. Daí descobrimos que podíamos ganhar dinheiro com nossa própria cultura, sendo o que a gente era mesmo. Então, fomos descobrir como tirar de dentro de nós o índio. Passaram-se alguns anos, na Redenção; aqui, muita luta para adquirir essa terra.

Dona Zelinda, a Zeila, Kutera, a titia Zebina, enfrentaram polícia, briga com o pessoal daqui de cima [...]. Muita luta. Passaram-se alguns anos, recebemos um convite para fazer um chapéu de palha no hotel de selva. Fomos para lá, fizemos e passamos um ano. Lá, eles queriam ser nossos donos, não deu certo. Ganhamos um terreno porque a Prefeitura de Manacapuru doou para a gente. Lá a gente permanece até hoje. Faz onze anos. As dificuldades, quando chegamos lá, foram grandes, muita discriminação dos povos ribeirinhos. Muita discriminação mesmo[...]. Muito ruim. . Esse é o nosso mapa, desde a comunidade Ponta Alegre até aqui. Atravessamos o rio, Cacau Pereira, e estamos aqui, no Paraná do Ariáú, há onze anos. Implantamos a comunidade Sahu-ape. Esse aqui é o mapa da comunidade. Muito obrigado” (Lucimir da comunidade Sahu-ape).



Zelinda, filha de Tereza. Com seus filhos deu origem a comunidade Sahu-ape.





**Comunidade Waikuru**

Rua Cmte. Norberto Won Gal

1 Centro cultural e escola  
2 Casas de moradia

**Comunidade Indígena Y'apyrehyt**

Rua Cmte. Norberto Won Gal

1 Barracão cultural e escola  
2 Igreja  
3 Escritório  
4 Casas de moradia  
5 Entrada  
6 Bambum

- Legenda**
- AMISM - Associação das Mulheres Indígenas Satênã-Mawé
  - CIMI - Conselho Indigenista Missionário
  - REPI - Fundação Estadual dos Povos Indígenas do Amazonas
  - Pastoral Indigenista
  - Pça de Saúde - Local da Feira do Artesanato e Comidas Típicas
  - Secretaria Estadual de Cultura
  - Centro de Manaus
  - Bairros - presença Satênã-Mawé
  - Convenções
  - Hidrografia
  - Aterramento
- Fonte: Coleta de pontos de GPS e croquis das áreas indígenas Y'apyrehyt, Waikuru, Inhã-bé, Mawé, Sahu-ape e Waraná sobre a base cartográfica da cidade de Manaus e BGE.
- Cartografia:  
Luis Augusto Pereira Lima  
Tadeu Miguel da Paz  
Laura Adriana Chierro



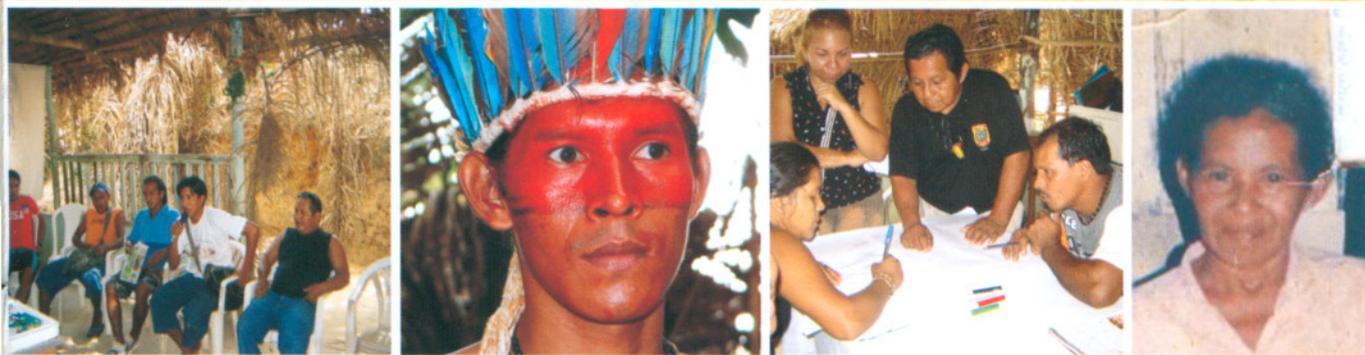
1. Marta, comunidade I'nhã-bé. Apresentação dos mapas. 2. Zeila, filha de Tereza. Criou a comunidade I'nhã-bé. 3. Oficina. 4. Leilinha, filha de Tereza. Bairro do Aleixo. Em 2008 passou a morar na comunidade I'nhã-bé.

### 4. Comunidade I'nhã-bé: depois da Redenção, fomos para o rio Tarumã Açu, em 2000.

A nossa história não é diferente da família da Sahu-ape, porque, antes as irmãs sempre andavam juntas: para onde uma ia levava outra. No mesmo ano que a tia Zelinda saiu da Ponta Alegre a minha mãe [Zeila] saiu, e o que vieram obter foi a mesma coisa: trabalhar para ajudar a família da minha avó. Na época, o pai dela já havia falecido. Então elas vieram trabalhar em casa de família, para sustentar a mãe viúva. Essa é a história que minha mãe sempre conta. Saiu da Aldeia em 1970 para Parintins. Daí, em Parintins pega um barco grande para vir a Manaus. Aqui, ela foi para o bairro Morro da Liberdade, em 1970, depois, para o bairro Alvorada. Lá ficaram de 1972 a 1976. De lá para o São José, onde houve invasão. O lugar onde escolheram era um igarapé que passava bem perto da casa delas. Na época em que foram colocar tubulação, a casa da vovó teve que sair. Disseram que iam dar outro terreno, o que não aconteceu. Então ficaram sabendo que estava tendo uma invasão no São José e foram para lá, de 1980 a 1987. Ficava muito longe para trabalhar em casa de família. Minha tia Leilina já morava aqui na Redenção e ela chamou. Aqui [Redenção] estava também sendo invadido. Minha tia Zeila tinha sido a primeira da família da vovó a chegar ao bairro. Daí ela comunicou as outras irmãs e vieram para esse bairro, em 1990. Ficaram aqui a tia Leilina, a Zebina, a Zelinda e a Zeila. Depois, fomos para o rio Tarumã Açu, em 2000. Hoje a comunidade I'nhã-bé é conhecida porque a gente vai em busca dos nossos objetivos" (Marta Vieira Marialva).

#### Conquistas e reivindicações.

Trabalhando no movimento indígena com as outras comunidades, com as outras associações, tivemos vários avanços. Um dos avanços foi a Praça Tenreiro Aranha [local onde as comunidades vendem seu artesanato]. Nossa reivindicação desse ano é que, desde o começo do ano a saúde estava indo muito bem, porque nós estávamos sendo atendidas por uma equipe médica pela FUNASA e pela SEMSA. Depois, começaram a brigar as duas instituições e, depois, nenhuma das duas assistiu a gente lá [na comunidade]. Com isso nós perdemos muito. Como nós temos outras comunidades, então estamos reivindicando mais professores para as outras comunidades. Na questão da nossa terra, nós moramos aqui, mostramos nossa cultura, estamos aqui, mas não temos o título definitivo, um local que é nosso mesmo. Então, que o prefeito ou o governo do Estado possa olhar para isso, para obter o título definitivo da terra que habitamos. Se formos atrás disso, nós conseguiremos porque enquanto estão destruindo, nós estamos preservando. Os outros estão ganhando a Bolsa Floresta, mas nós não ganhamos porque temos que passar pela FUNAI, e ela não vai dar apoio. Já era para ter luz lá nas comunidades I'nhã-bé e Mawé. Então eles não deram o retorno da luz para todos, passou por lá, chegou na outra comunidade, mas não na nossa. Não fizeram por causa da FUNAI. Na parte econômica, nós trabalhamos com artesanato. Não temos um avanço maior porque não temos maquinário. Então, temos que ter uma infra-estrutura para a compra de maquinário, matéria-prima e confecção de nosso artesanato indígena diferenciado dos não-indígenas, porque o nosso artesanato é feito com carinho. Eles fazem por quantidade e não por qualidade. E o que nós fazemos por amor. Então tem que ser diferenciado nessa parte. Então esses são nossos avanços, nossa melhoria que tivemos.



5. Geter Sateré, estudante da Universidade do Estado do Amazonas. 6. Moisés Sateré, coordenador da comunidade Y'apyrehyt. 7. Oficina. 8. Zebina (falecida em 1997), filha de Tereza. Mãe dos que formaram a comunidade Y'apyrehyt

## 5. Comunidade Y'apyrehyt

Nós fomos construindo a nossa floresta na cidade, a partir das nossas observações, pelos lugares onde passávamos nas paradas de ônibus, nas escolas, nas reuniões, olhando verde das árvores. Vimos a importância desse recurso para o nosso trabalho. O fortalecimento da cultura a partir da produção do nosso artesanato, fazendo uso das árvores dispersas na área urbana da cidade, para o artesanato, para elaborarmos a nossa comida típica. As formigas são coletadas na cidade, como a Tucandeira e a saúva. Primeiro, a idéia da tia Zenilda. Ela teve a idéia de extrair sementes para fazer artesanato. Dessa idéia da tia veio a outra de construirmos a nossa comunidade com as famílias Sateré-Mawé. Daí, juntas, com os seus filhos, elas passaram para a idéia de identificar e classificar as árvores, sabendo onde elas se encontravam e os períodos de extração. Assim, a geração delas passou essa atividade para a nossa geração. A partir daí, construímos uma floresta Sateré na cidade. Para os que pensam que é apenas natureza, nós olhamos as plantas da cidade a partir da nossa cultura. Nós damos esse sentido a cidade pelo fato de extrairmos a matéria prima. No barracão as famílias trabalham o material coletado" (Moisés Sateré, 21 de fevereiro de 2008).

Conquistas e reivindicações. "Hoje, a comunidade nasceu no bairro Redenção e começou se dividir em outros locais. Daqui saiu a AMISM, a comunidade Sahu-ape, a l'nhã-bé, a Waikuru, a Mawé, e ficou aqui a comunidade Y'apyrehyt, que é da família da Zebina. Ainda hoje as comunidades continuam crescendo, produzindo netos. Nós vamos com certeza ter dificuldade, precisando de uma área maior. Muitos sentem que é preciso de uma área maior. O pessoal do conjunto habitacional Santos Dummont não queria que nós ficássemos na área, achavam que íamos fazer favela, roubar. Através do diálogo com os órgãos, ouvindo que nós queríamos um local para trabalhar e fazer nosso artesanato e manter nossa cultura dentro de Manaus, concordaram e deixaram os Sateré-Mawé nesse local, pediram para não desmatar e não degradar a área. Fizemos, até hoje preservamos. Hoje a comunidade cresceu muito. Produzimos um projeto para ter uma garantia de um lugar para viver e continuar a nossa vida, nossa cultura, com as nossas casas, com o centro cultural, o posto de saúde, a escola indígena, poço artesiano, para melhoria da comunidade. Não é só tirar os indígenas e jogar em um local sem dar estrutura. Não queremos mais isso. Nós queremos um lugar melhor, com melhoria de vida digna para os indígenas. Isso que estamos colocando para a Funai. Não é só pegar os indígenas e jogar em uma área e lá eles vão sobreviver, não. Para mexer com os povos indígenas tem que ter conhecimento desses povos, que são de línguas diferentes, culturas diferentes, toda uma tradição diferente. Então, não pode misturar Tikuna com Sateré-Mawé, Sateré com Kokama, não vai dar certo. Se a gente quer fazer um trabalho, tem que fazer assim: chamar a lideranças, conversar como elas querem o projeto, o local, as casas. Como eu penso: devem escutar todas as lideranças de comunidades que estão em área de risco" (Moisés Ferreira de Souza, 17 de abril de 2008)



## 6. Comunidade Mawé

"Hoje, entre todas as dificuldades que temos aqui – transporte, educação saúde, falta de água potável. Nós temos o barracão, onde fazemos as apresentações, atendemos o turismo. No local há um campo de futebol, a casa de artesanato, a casa de farinha, as casas das famílias, a do pajé, a da medicina. Temos dois poços de água e um galpão para criar galinha. A vovó tem mais de 40 anos morando nessa terra [Tarumã, em Manaus]. Na questão de transporte, nós temos somente uma rabetá, tornando difícil para nós. Nós precisamos de uma educação diferenciada. A questão da saúde é a mesma coisa: queremos amenizar a questão da saúde. São bem poucas conquistas que tivemos aqui. Queremos fazer valer essa questão que é nossa: que o governo trabalhasse de acordo com as leis, criando uma política voltada para os indígenas na cidade. Essa é uma luta enfrentada com muita

difficuldade em Manaus, e, às vezes, ninguém apóia essa questão, achando que lugar de índio é na mata, é coisa do passado. Que as aldeias fossem reconhecidas como terras indígenas. Para nós que estamos aqui participando, essa é uma reivindicação de todos. Queremos sim que tenhamos os mesmos direitos que se tem lá nas áreas indígenas. Que nossas áreas sejam demarcadas, que o governo apóie nossas aldeias e demarque uma área para a gente" (Nelson Ney).

Observação: "em 2008, houve um reordenamento das famílias que faziam parte da comunidade Mawé. A senhora Tereza continua morando na comunidade, com a sua neta Terezinha. A reorganização parte de uma nova demarcação de terra e um novo cadastramento das famílias da senhora Tereza, sobretudo as famílias formadas pelos seus bisnetos, da reconstrução das casas e barracão. Isso é resultado da sua luta e paciência durante esses longos anos em Manaus, nessa área em que está situada a comunidade, esperando muito da Funai" (assunto tratado na reunião das comunidades Sateré-Mawé, ligadas à matriarca Tereza, realizada no mês de abril de 2008, realizada na comunidade Y'apyrehyt).



## 7. Comunidade Waikuru

"Surgiu em 2000. Eu e o meu esposo saímos de nossas aldeias para Manaus por motivo de doenças. Aqui moramos no bairro Jorge Teixeira por três meses. Nessa época eu vendia jornal e comprava jóias quebradas, com o dinheiro do seguro desemprego, pois antes, em Maués, eu trabalhava na Casa do índio como agente de saúde. Todos os nossos filhos trabalhavam para se manter na cidade. No bairro Redenção, a comunidade nasce a partir dos conflitos familiares. Morávamos no espaço que hoje é das famílias pertencentes à comunidade Y'apyrehyt. Com o conflito, houve uma divisão entre os parentes, e nós seguimos formando outra comunidade e associação, mantendo o nome Waikuru. Em 2006, formamos o grupo Myhyru, que participou do CD Cantos indígenas. A comunidade, para melhorar a renda das famílias, confecciona artesanato, faz apresentação de danças. Nossa comunidade enfrenta vários problemas. Os principais problemas são a saúde e falta de espaço para divulgação dos produtos, confeccionados na comunidade. Em 2006 a comunidade participou do prêmio "Culturas indígenas", ganhando o prêmio Angêlo Cretã, sendo um passo para atualizar a associação na nossa própria comunidade. Nela, o cacique incentiva o seu povo a manter a cultura Sateré-Mawé na comunidade Waikuru" (Nândia Maria Pereira).



Nândia (liderança da comunidade Waikuru, a partir de 2000)



Geane e Meirejane da comunidade Waikuru



# Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford - PPGSCA - UFAM)

## Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

1. Indígenas na Cidade de Belém
2. Homossexuais na Cidade de Belém
3. Afro-religiosos na Cidade de Belém
4. Negras e Negros na Cidade de Belém
5. Catadores na Cidade de Belém
6. Pessoas com Deficiência na Cidade de Belém
7. Feirantes e Ribeirinhos dos Portos Públicos de Belém
8. Ribeirinhos das Ilhas de Belém
9. Moradores do Riacho Doce e Pantanal:  
Histórias de luta e conquistas no Igarapé Tucunduba - Belém
10. A Luta pela regularização fundiária dos moradores da AGRISAL, Salinópolis.
11. "Fé e Esperança: Mulheres Guerreiras de Campo Sales", Manaus
12. "Histórias de Lutas e Conquistas dos Moradores do Bairro Jesus Me Deu", Manaus
13. "Famílias da Comunidade Parque Riachuelo I", Manaus
14. "Bairro Parque Riachuelo II: História, Conquistas e Reivindicações", Manaus
15. "Ontem um dono, hoje milhares:  
A História Bairro Parque São Pedro", Manaus
16. "Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro", Manaus
17. Indígenas na Cidade de Manaus: Os Sateré-mawé no Bairro Redenção
18. Mulheres Indígenas e Artesãos do Alto Rio Negro em Manaus
19. Comunidade "Beco dos Pretos" Morro da Liberdade Manaus - AM
20. Indígenas na Cidade de Rio Preto da Eva - Comunidade Indígena Beija-flor, Rio Preto da Eva - Amazonas
21. Bairro do Cabelo Seco - Marabá
22. Carvoeiros de Rondon do Pará
23. Indígenas nas cidades de Manaus, Manaquiri e Iranduba:  
Processo de territorialização dos Sateré-Mawé

### Realização

**Comunidades Sateré-Mawé: AMISM, Sahu-ape, I'nhã-bé, Y'apyrehyt, Waikiru, Mawé e Waranã.**

### Apoio



PIAM  
Pastoral Indigenista  
da Arquidiocese  
de Manaus

CIMI